

RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA

Área temática: Corpo, Gênero e Subjetividades

Autora: Isabelle Nobrega Jesus Normanda¹

RESUMO: Este trabalho analisa o texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, de Lélia Gonzalez, destacando sua crítica ao mito da democracia racial e a articulação entre racismo e sexismo no lugar social atribuído à mulher negra na formação da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Racismo. Sexismo. Cultura brasileira.

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido tem como objetivo analisar o texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, de Lélia Gonzalez, destacando sua contribuição para a compreensão das dinâmicas de opressão racial e de gênero na sociedade brasileira. A autora constrói uma reflexão crítica sobre a formação social do país, evidenciando como o mito da democracia racial atua como mecanismo de ocultamento do racismo estrutural e da violência simbólica exercida, sobretudo, contra a mulher negra. Sem nomear diretamente o conceito de interseccionalidade, Lélia antecipa esse debate ao demonstrar como racismo e sexismo operam de forma articulada na produção das desigualdades sociais.

OBJETIVOS

Compreender a centralidade da mulher negra na formação sócio histórica brasileira; Evidenciar como a autora articula raça, gênero e classe na análise da sociedade brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Lélia Gonzalez constrói sua análise a partir de uma escrita provocadora e irônica, assumindo o lugar de fala historicamente negado à população negra. Sua reflexão antecipa o debate da interseccionalidade ao demonstrar que a mulher negra ocupa uma posição

¹ Graduanda em Serviço Social pela Universidade de Brasília. Email: normandabella@gmail.com

específica na estrutura social, marcada simultaneamente pelo racismo e pelo sexismo.

A autora desmonta o mito da democracia racial ao revelar como ele atua como um dispositivo ideológico que naturaliza a desigualdade. A figura da “mulata”, exaltada no carnaval, e da “doméstica”, invisibilizada no cotidiano, expressa a duplicidade simbólica que recai sobre a mulher negra. Ambas são construções de um mesmo sujeito social, herdeira da mucama colonial. Já a “mãe preta” aparece como a verdadeira responsável pela formação cultural do Brasil, transmitindo valores, língua e afetos à criança brasileira, enquanto a mulher branca ocupa um lugar secundário na função materna. “Essa criança, esse infans, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês”

Ao distinguir consciência e memória, Lélia evidencia como o discurso dominante atua pelo encobrimento, pela alienação e pelo esquecimento, enquanto a memória negra preserva uma história não escrita, capaz de fazer emergir verdades ocultadas pela narrativa oficial. Sua escrita desestabiliza os estereótipos raciais, subverte a lógica colonial e questiona o lugar simbólico do dominador na cultura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Lélia Gonzalez permanece atual e fundamental para compreender a dimensão estrutural do racismo e do sexismo no Brasil. Ao colocar a mulher negra no centro da análise e ao reivindicar o direito à própria fala, a autora denuncia as engrenagens da dominação e inaugura um campo crítico que segue sendo indispensável para a compreensão da totalidade da vida social e para a construção de uma sociedade efetivamente democrática.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020